

REVISTA DO CORPO DISCENTE DE FILOSOFIA DA UFMG

Contextura

Vol. 13

N.º 20

NOVEMBRO DE 2024



ConTextura: **1.** Encadeamento; modo como estão ligadas entre si as diferentes partes de um todo organizado; conexão completa e organizada; diversidade de ideias e emoções que formam uma rede complexa, um contexto. **2.** Conjunto, todo, totalidade; aquilo que constitui o texto no seu todo. **3.** Com-textura; ato ou efeito de tecer, tecido, trama. **4.** Texto com textura; Contextura.

ConTextura

Concepção geral e coordenação

Tadeu Verza

Editores-chefes

Beatriz Iva de Sales e Henrique Buldrini Barreto

Editores de seção

Arthur Stigert Christo

Eduardo Dias de Carvalho Filho

Paula Silva Araujo Rocha

Leitores de prova

Alba Mariano

Antônio Vinicius Ferreira da Fonsêca

Helena Eyer

Maria Eduarda de Castro

Mariana Gonçalves de Freitas

João de Oliveira

Richard de Lima Gazzola

Xidocheung Nunes Monteiro.

Conselho Consultivo

Eduardo Soares

Érico Andrade

Eros Carvalho

Helton Adverse

Lívia Mara Guimarães

Rogério Lopes.

Design gráfico e diagramação:

Philippos Leonidas Oliveira Propodis

Capa

A imagem foi cedida por Gabriel Duarte Lauriano

Copyright

O conteúdo das publicações é de direito dos seus autores.

ISSN: 2525-5509

Agradecimentos

Aos pareceristas que contribuíram para a qualidade desta edição.

A Revista ConTextura é uma iniciativa do corpo discente do curso de Filosofia da UFMG.

Av. Presidente Antônio Carlos, 6627, FAFICH/ Sala 2070 - BH, MG.

Realização



Apoio

FAFICH
FACULDADE DE FILOSOFIA
E CIÉNCIAS HUMANAS

UFMG

SUMÁRIO

IDENTIDADE PESSOAL E SOBREVIVÊNCIA: UM DEBATE SOB LENTES NEOLOCKEANAS ARTHUR DE CASTRO MACHADO	7
A CRISE MODERNA DO CONCEITO DE OBRA NA ESTÉTICA DE HEGEL JOÃO AUGUSTO ARAÚJO FERREIRA.....	28
A ENGENHARIA CONCEITUAL NO PERÍODO TARDIO DE NIETZSCHE DANIEL MELO SOARES.....	39
A DEDUÇÃO DO ESPAÇO NA EXPOSIÇÃO <i>NOVA METHODO (1797/8)</i> DA <i>DOUTRINA-DA-CIÊNCIA DE FICHTE</i> PEDRO PIMENTA BARBOSA DE SOUSA	57
A TEMÁTICA DO CORPO HUMANO NO PENSAMENTO CARTESIANO JOÃO VICTOR REZENDE DIAS.....	71

Contextura

Contextura

Contextura

Contextura

Contextura

Contextura

Contextura

A ENGENHARIA CONCEITUAL NO PERÍODO TARDIO DE NIETZSCHE

CONCEPTUAL ENGINEERING IN NIETZSCHE'S LATE PERIOD

DANIEL MELO SOARES

DOI: 10.5281/zenodo.12536154

RESUMO: Alguns comentadores sugerem que o projeto nietzschiano de “tresvaloração de todos os valores” envolve necessariamente a criação de conceitos e a alteração dos significados dos conceitos já existentes (Elgat, 2012; Clark, 2015; Owen, 2007; Burnham, 2007; Reginster, 2006; Janaway, 2007; Leiter, 2002). Por outro lado, filósofos como Herman Cappelen e David Plunkett (2020), Scharp (2020) e Queloz (2021; 2023) veem Nietzsche como um precursor da engenharia conceitual. Em minha pesquisa, uno e sigo as sugestões feitas tanto pelos comentadores nietzschianos quanto pelos filósofos da engenharia conceitual. Para tanto, procuro reconstruir o projeto nietzschiano de reavaliação de todos os valores como um projeto amplo de engenharia conceitual, utilizando principalmente os livros *Além do Bem e Mal* e *Genealogia da Moral*.

PALAVRAS-CHAVE: Engenharia Conceitual, Nietzsche, Ética, Moral, Tresvaloração.

ABSTRACT: Some scholars suggest that the Nietzschean project of “reevaluation of all values” necessarily involves the creation of concepts and the alteration of the meanings of existing ones (Elgat, 2012; Clark, 2015; Owen, 2007; Burnham, 2007; Reginster, 2006; Janaway, 2007; Leiter, 2002). On the other hand, philosophers such as Herman Cappelen and David Plunkett (2020), Scharp (2020), and Queloz (2021; 2023) see Nietzsche as a precursor of conceptual engineering. In my research, I unite and follow the suggestions made by both, Nietzschean scholars and philosophers of conceptual engineering, and to this end I try to reconstruct the Nietzschean project of reevaluation of all values as a broad project of conceptual engineering, using mainly the books *Beyond Good and Evil* and *Genealogy of Morals*.

KEYWORDS: Conceptual Engineering, Nietzsche, Ethics, Moral, Reevaluation.

1. INTRODUÇÃO

Nietzsche é um crítico da moralidade e possui, ao mesmo tempo, um projeto construtivo à ela.¹ Nenhuma dessas duas afirmações parece surpreender seus intérpretes, porém, o modo como esses dois projetos (o crítico e o construtivo) acontecem e devem acontecer é matéria de longa controvérsia². Neste artigo não pretendo me aventurar diretamente nessas disputas, mas busco mostrar como uma aproximação de Nietzsche e do campo filosófico chamado engenharia conceitual poderia ser proveitosa e contribuiria para compreender o movimento duplo aludido. No caso de sucesso em minha empreitada, tanto a exegese de Nietzsche sai com ganhos e novas ferramentas para compreender o autor, quanto a engenharia conceitual ganha ao receber mais um filósofo para seu arsenal.

Para tanto, seguirei os seguintes passos: (a) ao compreender (na parte 2) o momento crítico da filosofia de Nietzsche, sua genealogia, como um convite ao uso do método filosófico da engenharia reversa³ conceitual, seguindo sobretudo os trabalhos de Queloz (2021) e Williams (2002) e (b) ao compreender (na parte 4) o momento construtivo como um convite a criação de valores, ou seja, a uma engenharia conceitual *de novo*⁴ ou mesmo reengenharia conceitual⁵, seguindo principalmente Clark (2015) e Chalmers (2020). Voltarei a fazer algumas considerações sobre a junção desses dois projetos na parte 3 deste artigo, para além do que será dito nesta introdução.

Ao usar “convite” não faço nenhuma metáfora. Nietzsche é explícito em suas convocações à engenharia reversa conceitual e engenharia de novo, como é possível ver em *Crepúsculo dos*

1 Tal afirmação se tornará mais precisa na terceira parte deste artigo. Vale a ressalva ao leitor de que me concentrarei, neste artigo, em especial, no período tardio do pensamento nietzsiano, ou seja, o período após o lançamento de *Assim Falou Zarathustra* (2018), ou seja, após 1883. Apesar dessa ênfase, alguns elementos aqui tratados já estavam presentes em seu período de juventude (tal como a figura do filósofo legislador, entre outras), outros não (tal como a adesão ao naturalismo e ao pragmatismo sentimental). Para uma visão geral da presença (ou não) desses elementos, ver Meyer (2019).

2 Para citar alguns dos comentadores: Elgar, 2012; Clark, 2015; Owen, 2007; Burnham, 2007; Reginster, 2006; Janaway, 2007; Leiter, 2002.

3 Compreendo engenharia reversa conceitual por um método filosófico que parte de uma prática conceitual contemporânea e busca compreender seu funcionamento e utilidade. Por pretender que este seja um texto breve, identifico a genealogia reversa conceitual com a genealogia. Porém, vale notar, ela é uma engenharia reversa conceitual entre outras. Queloz (2021, p. 53) mostra outras variedades dessa engenharia e argumenta o porquê a genealogia é a melhor entre as opções.

4 Utilizo a terminologia vinda de Chalmers (2020). Não há consenso terminológico quanto às áreas do campo que aqui chamo de “engenharia conceitual”, para um resumo dos nomes alternativos ver Abath (2021). Opto por esse nome, pois evoca as diferentes atividades nela envolvida, tais como: criação de conceitos, eliminação, aprimoramento ou melhoria, avaliação. Outra alternativa comumente usada é “melhoria conceitual”, não a utilizo, justamente, por evocar apenas a busca por reformar ou aprimorar conceitos. Por fim, tendo feito a escolha pela terminologia de Chalmers, chamo de engenharia conceitual *de novo* a criação de conceitos novos, de reengenharia conceitual ou melhoria conceitual o aprimoramento e reforma de conceitos. A expressão *de novo*, vinda do latim, não possui o sentido de “novamente”, ou “ainda uma outra vez”, mas, sim, de um começo do zero, do início, sem partir ou se igualar a nada existente.

5 Entendo por reengenharia conceitual a tarefa de consertar conceitos defeituosos vistos certos fins. Ver Chalmers (2020).

Ídolos (2014), “razão”, 1 (p. 25-6), *Aurora* 95 (2016, p. 66), *Além do bem e do mal* 203 (2005, p. 90-2), 211 (p.105-6) e *Anticristo* 11 (2016, p.16-7). Apesar de todas essas passagens terem me fornecido indícios da abordagem que propus e que desenvolverei, gostaria de me atentar a duas passagens que exibem a articulação entre o projeto crítico e o projeto construtivo nietzschiano. As passagens são: o aforismo 58 de *Gaia Ciência*⁶ (2012, p.90-1) e o texto “*Das três metamorfoses*” presente no início de *Assim falou Zaratustra* (2018, p.25-7).

No aforismo 58 de GC (2012, p. 90-1), chamado *Somente enquanto criadores!*, Nietzsche começa por uma distinção: por um lado um objeto X qualquer e do outro o nome, o valor, “a reputação”, “o peso” atribuído a esse X, o que vou chamar de Y. Y é “quase sempre uma arbitrariedade e um erro em sua origem”, algo que é incrementado e modificado “de geração em geração”, ou seja, ao decorrer da história. Y tende a ser tomado pela coisa mesma, por sua “essência”, apagando sua origem em X. Então, Nietzsche conclui:

Que tolo acharia que basta apontar essa origem e esse nebuloso manto de ilusão para destruir o mundo tido por essencial, a chamada “realidade”? Somente enquanto criadores podemos destruir! — Mas não esqueçamos também isto: basta criar novos nomes, avaliações e probabilidades para, a longo prazo, criar novas “coisas”. (GC 58, 2012, p. 90-1)

Se considero a genealogia como “[...] uma narrativa que tenta explicar um fenômeno cultural descrevendo a maneira pela qual ele surgiu, ou poderia ter acontecido, ou poderia ser imaginado” (Williams, 2002, p. 20), posso concluir que Nietzsche se refere a ela quando fala sobre “apontar a origem”. Então, *não* basta apenas fazer a genealogia de um conceito para modificarmos a “realidade”, é necessário também criarmos novos “nomes” e “avaliações” para, por fim, alterá-la. Não tratarei neste artigo das motivações de Nietzsche ao buscar alterar a “realidade” no que concerne à moralidade, mas apenas, e em linhas gerais, de seu projeto crítico e construtivo em relação a ela.

Temos em GC 58 (2012, p. 90-1) a ligação entre esses dois projetos, a atividade de um está ligada à atividade de outro, porém, ainda não é clara essa articulação. Por essa razão, na seção 2.4, buscarei mostrar os objetivos da genealogia e, na seção 4.2, mostrarei como ela pode servir aos propósitos do “filósofo do futuro” na tarefa da criação de valores. Além dessas duas seções, na parte 3 do artigo, demonstrarei, seguindo Queloz (2021, p. 41-42), que Nietzsche considerava a genealogia como um pré-requisito para uma engenharia conceitual responsável.

⁶ A partir de agora adoto as seguintes abreviações para me referir ao livros e textos de Nietzsche: Aurora (A), Anticristo (AC), Crepúsculo do ídolo (CI), Além do bem e do mal (ABM), Assim falou Zaratustra (Z), Ecce Homo (EH), Gaia Ciência (GC) e Genealogia da Moral (GM). Cito primeiro o livro seguido do aforismo, para maiores detalhes, ver referências bibliográficas.

Sobre o texto “*Das três metamorfoses*” (Z, 2018, p.25-7), Nietzsche volta a fazer a junção entre genealogia e criação de valores, entre engenharia reversa conceitual e engenharia de novo. Ele conta uma pequena parábola em que o “espírito” é primeiro camelo, depois leão e, por fim, criança. Como camelo esse espírito aceita todos os valores, a si, imputados. Como leão, o espírito luta contra o “dragão dos valores milenares” e o supera, deixando livre a possibilidade da criação de novos valores. Esse “momento do leão” poderia ser considerado, também, como momento da genealogia. E, por fim, o espírito se torna criança e pode criar novos valores, ele pode agora praticar a engenharia de novo.⁷

2. O CAMINHAR DO LEÃO: GENEALOGIA OU ENGENHARIA REVERSA CONCEITUAL

Nesta parte do artigo buscarei responder “o que é a genealogia?”. Essa resposta virá por etapas: (2.1) primeiro tornarei mais precisa a definição de B. Williams dada na introdução, depois em (2.2) e (2.3) mostrarei os compromissos inevitáveis desse método filosófico e, por fim, em (2.4), tratarei de seus objetivos⁸.

Antes de passar à resposta e à exposição, gostaria de apresentar um importante conceito para o prosseguimento do artigo. Trata-se do conceito de prática conceitual, por ele compreendo: a “prática de uma comunidade de deixar seus pensamentos, atitudes e ações serem moldados e guiados por uma determinada ideia” (Queloz, 2021, p.3). Quando alguém está engajado nessas práticas podemos dizer que ele está vivendo por esta ideia (Queloz, 2021, p. 3).

2.1 - O QUE É GENEALOGIA?

Retomo a definição dada inicialmente: a genealogia é “[...] uma narrativa que tenta explicar um fenômeno cultural descrevendo a maneira pela qual ele surgiu, ou poderia ter acontecido, ou poderia ser imaginado” (Williams, 2002, p. 20). Já aqui temos como característica a genealogia atada a um fenômeno cultural⁹. Fica, então, a pergunta: o que é essa narrativa?

7 Para concluir a introdução e passar ao detalhamento da genealogia e da criação de valores, gostaria de observar que não sou o primeiro a notar essa proximidade entre Nietzsche e a engenharia conceitual. Herman Cappelen e David Plunkett abrem o livro “*Conceptual Engineering and Conceptual Ethics*” (2020, p.1) com uma citação do autor. Também Queloz, discute Nietzsche ao longo de quase todo seu livro “*The Practical Origins of Ideas: Genealogy as Conceptual Reverse-Engineering*” (2021).

8 Adoto a abordagem de Queloz para minha exposição da genealogia por: (a) considerá-la fiel a Nietzsche, (b) por tornar o método filosófico em questão preciso em termos contemporâneos e (c) por descrever a genealogia como engenharia reversa conceitual. Por isso, nessa parte, exceto quando digo o contrário, o sigo. Em especial nos capítulos 2, 3 e 5 de seu livro (2021).

9 Em outras palavras, a genealogia só pode se ocupar apenas de tipos sociais. Para uma breve definição de tipos

Trata-se de um modelo ficcional da origem de alguma prática conceitual. Esse modelo apresenta um ambiente simplificado com necessidades humanas básicas e gerais que levaram determinada prática conceitual surgir¹⁰. Apesar desse modelo poder simplificar ou mesmo distorcer, ele mostra sua força na medida em que é capaz de fornecer uma explicação e compreensão da prática conceitual visada. A construção desse modelo é guiada pela noção de necessidade prática, ou seja, pela consideração de que algo é altamente provável de acontecer devido a pressões práticas (Queloz, 2021, p. 33).

Como exemplo, tomarei a primeira dissertação de *Genealogia da moral* (2009, p. 15 - 42). Nela Nietzsche nos fornece um modelo ficcional da origem de nossa prática conceitual relativa ao uso de bom-mau e bom-ruim. De maneira simplificada, havia as seguintes classes sociais: os aristocratas-guerreiros, os aristocratas-sacerdotes e os escravos. Os aristocratas se definiam como bons, nobres, poderosos, belos e felizes (*Ibid.*, p. 23), e definiam os escravos como baixos, pobres, feios, medíocres e impotentes. Acontece que a classe aristocrática guerreira, que era militarmente mais forte, dominou a classe aristocrática sacerdotal juntamente com os escravos e os submeteu a uma constante opressão. Os sacerdotes, para vingarem dos guerreiros, aproveitaram de inclinações possivelmente já presentes nos escravos, e inverteram os valores senhoriais, até então vigentes, dos guerreiros. Os sacerdotes, então, fizeram “bom” passar a designar o que é pobre, baixo, feio, medíocre e impotente e “mau” passar a designar o que é nobre, poderoso, belo e feliz.

Nesse modelo ficcional em forma de narrativa temos uma explicação provável da origem de nossos usos de bom-mau e bom-ruim, temos também um relato guiado pela necessidade prática apresentada: os sacerdotes derrotados buscam vingança e, por isso, manobram a classe dos escravos e criam novos conceitos. Porém, como Nietzsche mesmo nos diz:

[...] a causa da gênese de uma coisa e a sua utilidade final, a sua efetiva utilização e inserção em um sistema de finalidades, diferem *toto coelo* [totalmente]; de que algo existente, que de algum modo chegou a se realizar, é sempre reinterpretado para novos fins, requisitado de maneira nova, transformado e redirecionado para uma nova utilidade, por um poder que lhe é superior; (GM II, 12, 2009, p. 60-2)

Não basta apenas nosso modelo ficcional da origem em nossa genealogia, além disso precisamos de outro aspecto desse método filosófico: sua dinamicidade. Esse aspecto é realizado

sociais, ver nota 21 deste artigo.

10 Seria proveitoso investigar se e como a noção de vontade de poder funciona, na *Genealogia da moral*, como um desses interesses humanos básicos e gerais.

quando se observa como certa prática foi utilizada no desenrolar histórico, acompanhando suas modificações, apropriações e os diferentes interesses aos quais serviu. A genealogia passa de um modelo ficcional altamente idealizado, baseado em necessidades humanas básicas e gerais, a situações históricas localizadas, a necessidades sócio-históricas específicas e a problemas novos colocados pela prática (Queloz, 2021, p. 55). É o caso dessa passagem do modelo ficcional ao momento histórico específico, quando Nietzsche fala de Tomás de Aquino no aforismo GM I 15 (2009, p. 36-9), e de Roma contra Judeia em GM I 17 (2019, p. 41-2), além das variadas finalidades da prática conceitual “castigo”, em GM II 13 (2009, p. 62-4).

Embora implicitamente dado, cabe ressaltar que a genealogia oscila entre dois pólos: o real e o fictício. E isso, pelas razões já mostradas, não traz nenhuma dificuldade a esse método, pois, o que é relevante é sua capacidade explicativa.

Antes de considerar os dois principais compromissos da genealogia: o pragmatismo e o naturalismo, farei uma breve recapitulação. Vimos nessa seção que a genealogia é um modelo dado em forma de narrativa que busca explicar, tendo em vista a noção de necessidade prática, o surgimento de certo fenômeno cultural. Além disso, ela possui dois aspectos: primeiro, produz um modelo ficcional que considera um ambiente simplificado, com necessidades humanas básicas e gerais e outro que parte desse modelo para momentos históricos situados, com necessidades e interesses específicos, verificando quais problemas, modificações, repropriações sofreu a prática conceitual a qual investiga. Assim, embora o leitor já possa intuir a relação da genealogia com o pragmatismo e talvez com o naturalismo, passo a considerar esses dois principais compromissos da genealogia.

2.2 - PRAGMATISMO

A genealogia compartilha com o pragmatismo os seguintes dois princípios: (1) ambas abordagens ao buscarem compreender certo X que gera embaraços filosóficos, primeiro olham para o agente, para suas atitudes, conceitos, emoções em relação a esse X¹¹ e (2) elas primeiro abordam a função desse X e depois, talvez, o seu conteúdo.

Agora, em posse dos princípios compartilhados com o pragmatismo, podemos voltar a um tema da seção anterior: a passagem do modelo ficcional para o momento histórico específico. Podemos passar de um para outro ao aceitarmos que: (a) os interesses e necessidades humanas podem ser consideradas como premissas, (b) podemos derivar interesses e necessidades mais complexos partindo de interesses e necessidades mais simples e (c) as necessidades e interesses humanos podem nos levar a desenvolver ou reelaborar certas práticas, por isso, há práticas ou

11 Podemos ver esse movimento já no primeiro aforismo citado ainda na introdução (GC 58, 2012, p. 90-1).

conjuntos de práticas que podem atender a essas necessidades¹². Tendo, assim, considerado o pragmatismo, passo ao naturalismo.

2.3 - NATURALISMO

Queloz (2021, p. 108) endossa as etiquetas atribuídas ao naturalismo de Nietzsche por Williams, sendo elas: o minimalismo e o realismo. Nesta seção apresentarei essas duas etiquetas.

O minimalismo trata-se do seguinte princípio: explicar algo o quanto possível em termos usados de alguma maneira em outro lugar. Busca-se explicar uma classe de coisas em termos da próxima classe inferior e não em termos de uma classe fixa (por exemplo, aceitar explicações com termos apenas pertencentes a física). No caso de GM, Nietzsche busca explicar a moral em termos não morais, a psicologia moral em termos de psicologia não moral e assim por diante. O que pode ser explicação em uma genealogia pode se tornar item a ser explicado na próxima. Esse movimento de mover a explicação para uma classe inferior foi chamada por Queloz (2021, p. 108) e por Williams (2002, p. 23) de *creeping barrage*.

Já o realismo trata-se do seguinte princípio: apelar na explicação para termos que um experiente, cientificamente informado, perceptivo, honesto e não otimista intérprete utilizaria. É o caso de conceber que o que é mais elevado pode vir do que não é elevado (ABM 2, 2005, 95-6), por exemplo¹³, que mesmo as ideias que parecem mais sagradas, universais, ahistóricas e não naturais tem origem em interesses humanos, demasiado humanos.¹⁴

O leitor começa a levantar as sobrancelhas em suspeita, ele acompanhou de bom grado a descrição em linhas gerais da genealogia, mas se pergunta: “qual a finalidade desse método filosófico? É uma explicação, mas uma explicação para quê?”. A fim de apaziguar as inquietações desse interlocutor tão atento e exigente, passo agora a tratar dos objetivos da genealogia.

2.4 - OS OBJETIVOS DA GENEALOGIA

A genealogia, embora faça parte de um movimento crítico, não pretende falsear proposições, ou seja, refutar. O leitor impressionado que pretendesse utilizá-la para esse fim estaria caindo em uma falácia genética. Ela, a genealogia, pode (a) aumentar ou diminuir a confiança em determinada prática conceitual e pode (b) mexer com as intuições, emoções e desejos que ligam o agente à prática, porém, não refutar.

Queloz define confiança como:

12 Tanto Queloz (2021, p.66) quanto Williams (2002, p. 34) tratam desses três aspectos da passagem do modelo ficcional para o momento histórico situado.

13 Embora Lopes (2006, p.178) não utilize esses dois termos (minimalismo e realismo), sua abordagem se aproxima da aqui descrita.

14 Nietzsche mesmo reclama a alcunha de realista para si (CI 2, antigos).

[...] o que nos liga a práticas conceituais onde terminam as cadeias de razões que articulam; é o sentido de indubitabilidade com que nos engajamos nas práticas conceituais, colocando os conceitos em funcionamento e aceitando as considerações que orientam e seguem de sua aplicação. (2021, p. 39)

Assim, a genealogia pode tanto diminuir a confiança do agente ao se engajar em determinada prática conceitual, por exemplo, mostrando que essa prática atende a necessidades e interesses que ele não mais endossa ou que lhe são perniciosos; como pode aumentar a confiança, mostrando o porquê ele ainda deve sustentar tal prática conceitual, quais seriam as perdas se ela fosse eliminada e quais necessidades e interesses humanos ela ainda atende.¹⁵

Quando a genealogia produz um aumento de confiança, ela leva o nome de defensiva. Quando ela diminui a confiança, ela leva o nome de subversiva. Mesmo a *Genealogia da Moral* possui momentos defensivos, por exemplo em *GM* II (2009) nos aforismos 1 (*ibid.*, p. 43-4), 2 (*ibid.*, p. 44-5) e 3 (*ibid.*, p. 46-7) temos uma defesa de alguma noção de liberdade,¹⁶ além do incentivo a utilizar bom-ruim à moda aristocrática em *GM* I (2009). Feita essa observação, embora eu mesmo tenha chamado, para os fins do artigo, esse momento genealógico de momento crítico no pensamento de Nietzsche, reconheço que a genealogia pode atingir esse outro objetivo, de endossar alguma prática conceitual vigente.

Além de aumentar ou diminuir a confiança, a genealogia pode modificar as atitudes, emoções e desejos do agente. Segundo Lopes: “A estratégia polêmica de Nietzsche procura, através de uma argumentação por vezes excessivamente virulenta, romper o núcleo de afetividade que envolve os nossos sistemas de valor e os nossos esquemas conceituais” (2006, p. 197).¹⁷ Pode-se tanto aumentar o engajamento afetivo, quanto diminuir o engajamento afetivo, e isso parte diretamente da premissa nietzscheana de que não é apenas a verdade ou falsidade de um conceito, prática conceitual, crença ou proposição que leva à adesão destes (ABM 4, 2005, p. 11).

Para exemplificar, considerarei o conceito de Jesus que recebe um tratamento genealógico no *Anticristo* (2016). Nietzsche traça primeiro uma psicologia de tal figura, do aforismo 28 ao 35 (*ibid.*, p. 34-41), em seguida mostra como seus apóstolos, em especial Paulo, o sacerdote sedento por poder, assim como é descrito no aforismo 42 (*ibid.*, p. 47-9)-, mal-compreendem e pervertem a imagem de Jesus a fim de conquistar poder político. Eles ligam Jesus à mitologia e às profecias já presentes na época, o interpretam como salvador e enviado de Deus e passam a angariar adeptos e poder político.

Aqueles que entram em contato com essa genealogia e possuem emoções fortes ligadas

15 Além de Queloz, Williams também fala desses dois possíveis efeitos da genealogia (2002, p. 35-8).

16 Essa é uma questão controversa entre os intérpretes de Nietzsche e precisa de maior desenvolvimento do que o aqui apresentado.

17 É intrigante o silêncio de Queloz quanto a esse objetivo da genealogia.

a Jesus e ao apóstolo Paulo, de repente, veem-se com uma narrativa plausível que coloca ambas as figuras em contradição. A igreja a que esse leitor ideal do *Anticristo* pertence, igreja que toma Paulo como seu fundador, vê-se também em contradição com sua figura mais adorada. Isso pode ser o suficiente para fazer o crente passar a olhar com suspeita para sua prática conceitual tão corriqueira, tão “certa”. Em último caso, esse leitor pode tornar-se aberto a ouvir críticas, argumentos e refutações envolvendo sua prática.

Assim, voltamos ao tópico que começamos essa seção, a genealogia não refuta, mas aumenta ou diminui a confiança do agente em determinada prática conceitual, afasta ou engaja afetivamente em relação a esta. Por isso, a genealogia não é uma crítica solitária, mas, ao contrário, ela prepara o caminho para uma crítica empreendida a partir de argumentos e refutações. Nas palavras de Lopes: “[...] a abordagem genealógica é uma tarefa preliminar à tarefa crítica (uma espécie de estratégia de contextualização), um procedimento negativo que está a serviço de um programa maior de crítica dos valores” (Lopes, 2006, p. 197).

Nietzsche também se engaja nesse segundo momento de crítica pós-genealogia, como podemos ver em ABM (2005), aforismos: 17 (p. 21-2), 19 (p. 22-4), 21 (p. 25-6), 199 (p. 85-6), 225 (p. 117-8), 228 (p. 119-121), CI (os quatro grandes erros, p. 39-48), AC 10 (2016, p. 15-6), 12 (p. 17-8) e 13 (p. 18). Embora seja um tema interessante, não o perseguirei neste artigo. Passarei, agora, ao momento mais positivo da filosofia de Nietzsche, ao seu convite à criação de valores, ou, como defenderei, a uma engenharia conceitual de novo e reengenharia de nossos termos morais.

3. ENTRE O LEÃO E A CRIANÇA

Antes de passar propriamente para o convite de Nietzsche a criação de valores e a reengenharia conceitual, gostaria de fazer algumas ressalvas. A primeira delas é a seguinte: vou investigar mais o convite feito por Nietzsche, mas o modo como ele propõe a criação de valores, do que a engenharia de novo e a reengenharia conceitual que ele mesmo faz. Porém, de antemão, podemos pensar como engenharia de novo os seguintes conceitos: a vontade de poder (ABM 13, 2005, p. 19; GM III, 7, 2009, p. 88-90), o eterno retorno (GC 341, 2012, p. 205) e o amor fati (GC 276, 2012, p. 166 e EH, porque sou tão inteligente). Podemos pensar como reengenharia conceitual conceitos como honestidade (ABM 227, 2005, p. 119), liberdade (GM II, 2009, 1, 2 e 3, p. 43-7), compaixão (ABM 225, 2005, p. 117-8; GC 338, 2012, p. 201-3), “alma” (ABM 12, 2005, p. 18-9), entre tantos outros.

Quanto à segunda ressalva: parto do pressuposto defendido por Clark (2015, p. 42-6)¹⁸ que Nietzsche defende a distinção entre moral-em-sentido-estrito e moral-em-sentido-amplo

¹⁸ Clark utiliza o aforismo 32 (p. 36-7) de ABM (2005) para sustentar seu ponto.

semelhante a diferença feita por Williams entre moral e ética. Sendo moral-em-sentido-estrito correspondente a moral e moral-em-sentido-amplo correspondente a ética. Ambas se distinguem pelo seguinte: ética é um “esquema para regular relações entre as pessoas que funciona através de sanções informais e disposições internalizadas”¹⁹ e sendo a moral um tipo particular de orientação ética que trata de noções como culpa, castigo, liberdade, má consciência, compaixão etc., ela é uma entre os vários tipos de orientação ética possíveis.²⁰ A partir de agora, passo a usar ética e moral para me referir a esses dois fenômenos.

Fazendo uma genealogia da moral, Nietzsche traça uma narrativa acerca do surgimento dessa forma peculiar de orientação ética e explica como e porque ela se tornou hegemônica no ocidente (GM III 28, 2009, p. 139-140), fornecendo um relato dos interesses que a sustentam e geram uma sedução por tal. Assim, é possível que ele faça, e também convide, para um engenharia conceitual de novo ou para uma reengenharia de conceitos responsável. Através desse procedimento ele mostrou o que seria perdido abandonando a moral, as múltiplas camadas a que essa prática conceitual atende e opera, e mostrou, também, quais conceitos poderiam ser melhorados (consertados) e em que sentido poderiam ser aprimorados.²¹

Por fim, gostaria de observar que Nietzsche não ataca o conceito de moral, mas um grupo de conceitos, um bando que está ligado às nossas práticas sociais. Em *Genealogia da moral* temos a busca da origem de nossos usos de bom-ruim, bom-mau, de culpa, má consciência, castigo, ascetismo, entre outros, e em *Anticristo* outro grupo de conceitos que também se liga a esse primeiro grupo, tal como o conceito de Jesus, do apóstolo Paulo, a fé, entre outros. Podemos dizer que Nietzsche persegue uma matriz²² onde esses vários conceitos habitam e recebem o suporte para continuarem operando.

4. O BRINCAR DA CRIANÇA: CRIAÇÃO DE VALORES OU ENGENHARIA DE NOVO

Nesta quarta parte do texto, vou apresentar e explorar a frequente convocação nietzscheana para a criação de valores, endereçada sobretudo aos filósofos do futuro. Buscarei compreendê-la como uma convocação à engenharia conceitual de novo e para reengenharia conceitual. Para tanto, na seção 4.1, começarei apresentando algumas passagens em que Nietzsche distribui seus convites, em seguida, defenderei que seu chamado pode ser melhor compreendido à luz

19 Essa definição vem de Williams (1995, p.241) e foi também utilizada por Clark (2015, p. 42).

20 Williams também atribui essa definição de moralidade (moralidade em sentido estrito) a Nietzsche (2002, p. 38).

21 Nos termos de Brigandt e Rosário (2020, p.100): nos permite ver a quais objetivos a reforma de nossos conceitos morais e éticos devem servir.

22 A noção de “matriz” vem de Ian Hacking (1999, p. 10-11).

da hipótese da divisão do trabalho linguístico e quais critérios são colocados para aqueles que devem assumir a posição de “legisladores” ou “especialistas” da ética. Depois, em 4.2, tratarei em mais detalhes como deve se dar essa criação de valores.

Antes de passar a esse percurso, gostaria de levantar dois pontos. O primeiro deles é que comproendo aqui engenharia conceitual de novo como a construção ou a criação de um conceito novo (Chalmers, 2020, p. 6). Geralmente, essa engenharia apela para o uso de um novo nome (como é o caso de “vontade de poder”) ou para a aplicação de um nome já existente com algum acréscimo seja de um sufixo, um prefixo ou junção a com outras palavras (como o caso visto acima “moral-em-sentido-estrito” e “moral-em-sentido-amplo”).

O segundo ponto é que não sou o primeiro a notar que Nietzsche possui um projeto amplo envolvendo a criação, manipulação e reengenharia de conceitos. Andreas Urs Sommer define o projeto da tresvaloração dos valores²³ como “um novo arranjo de signos ou um processo de deslocamento de signos” (2014, p. 23) e Guy Elgar (2012, p. 276) dedica uma seção de sua tese de doutorado para mostrar como a criação de valores passa necessariamente pela criação e “melhoria” de conceitos. Apesar disso, nenhum deles utiliza o vocabulário ou associa Nietzsche à engenharia conceitual, provavelmente por se tratar de uma área recente.

4.1 - O CONVITE E A HIPÓTESE DA DIVISÃO DO TRABALHO LINGUÍSTICO

Um incauto leitor que tomasse Nietzsche nas mãos pela primeira vez e encontrasse a seguinte passagem: “[...] que cada qual invente sua virtude, seu imperativo categórico” (AC 11, 2016, p. 16-7) recuaria assustado e pensaria consigo: “esse autor está a beira de propor um vale tudo ético, onde cada um estabelece o que é certo e errado e age conforme”. Porém, é preciso admoestar esse leitor ávido em conclusões precipitadas, para isso convido-o a considerar os seguintes aforismos de ABM (2005): 203 (p. 90-2), 211 (p. 105-6), 212 (p. 106-7), 214 (p. 110), 228 (p. 119-121), 260 (p. 155-8) e 261 (p. 159-160), em especial as seguintes máximas extraídas deles:

- (a) “(o autêntico direito senhorial é criar valores)” (ABM 261, 2005, p. 159-160).
- (b) “É importante que o menor número possível de pessoas reflita sobre a moral [...]” “[...] existe uma hierarquia entre homem e homem [...]” (ABM 228, 2005, p. 119-121).
- (c) “Mas tudo isso são apenas precondições de sua tarefa [a tarefa do verdadeiro filósofo]:

²³ No aforismo 203 (p. 90-2) de ABM (2005) Nietzsche atribui aos filósofos do futuro a tarefa de tresvalorar os valores. Já no aforismo 211 (2005, p.105-6) do mesmo livro, Nietzsche atribui aos mesmos filósofos a tarefa de criar valores. O vocabulário dele oscila, mas busca dizer o mesmo. Visto isso, ao longo do artigo utilizei apenas “criação de valores”. Optei por trazer tresvaloração aqui para ser fiel ao vocabulário de Sommer. - Ao escolher tresvalorar, opto pela tradução de Paulo César Souza, ver bibliografia.

ela mesma requer algo mais – ela exige que ele crie valores”. “Mas os autênticos filósofos são comandantes e legisladores: eles dizem “assim deve ser!” eles determinam o para onde? e para quê? do ser humano [...]” (ABM 211, 2005, p. 105-6).

(d) “O homem de espécie nobre se sente como aquele que determina valores [...]” (ABM 260, 2005, p. 155-8).

Através dessas passagens é possível estabelecer uma correspondência entre filósofos do futuro, filósofos verdadeiros, nobres, senhores, comandantes e legisladores. É possível também notar que esse grupo é responsável por criar valores, melhorá-los, por “legislar” e “comandar”, são o “menor grupo” frente a grande maioria que não possui esse direito e responsabilidade. Visto isso, minha proposta é que podemos compreender melhor a posição de Nietzsche se considerarmos a hipótese da divisão de trabalho linguístico defendida por Putnam (2013).

Putnam (2013) argumenta que apesar de vários falantes utilizarem palavras como “ouro” ou “água”, ou seja, palavras de dois tipos naturais, eles não precisam estar em condições de distinguir ouro verdadeiro de ouro falso, ou de saber que água é H₂O e saber distinguir água de algum outro líquido superficialmente semelhante, tal como XYZ. Esses falantes leigos podem confiar em uma subclasse especializada de falantes, os especialistas. Eles podem deferir que os especialistas estabeleçam os critérios para algo ser ouro ou ser água, o significado e extensão da palavra. Ele prossegue:

Assim, o modo de reconhecimento que esses especialistas possuem é também, por meio deles, patrimônio do corpo linguístico coletivo, mesmo que não seja possuído por cada membro individual desse corpo, e assim o fato mais pesquisado sobre a água pode tornar-se parte do significado social da palavra embora seja desconhecido de quase todos os falantes que adquirirem a palavra. (2013, p. 291).

Embora Putnam faça seu argumento pensando em tipos naturais, Haslanger (2012) aplica-o para tipos sociais²⁴. Ela afirma que ao mantermos uma abordagem dos tipos sociais que privilegia as intuições prévias dos falantes, “fossilizamos” a estrutura social que estamos inseridos, impedindo a mudança, pois, para a mudança precisamos de um novo esquema conceitual e, para isso, precisamos rejeitar os antigos princípios que nos guiam e adotar novos

24 Sobre como caracterizar tipos sociais, sigo Hacking (1999, p. 6-7), principalmente com sua cláusula “(0) no atual estados de coisas, X é tomado como garantido; X parece ser inevitável” (p. 12) e sua cláusula “(1) X não precisa ter existido, ou não precisa ser como é. X, ou X como é no presente, não é determinado pela natureza das coisas; não é inevitável”. Nesse caso, é possível questionar se a ética é um tipo social ou natural, porém, a moral, tal como se desenvolveu e por ser um tipo de orientação ética entre outras possíveis, é inevitavelmente social.

(2012, p. 402). Assim, quem estaria mais apto a tratar do significado de conceitos ligados a tipos sociais seriam os especialistas, estes que por possuírem mais conhecimento, possuem mais condições para lidar com o tema em questão.

Aproximando-se de Haslanger, Nietzsche frequentemente ataca a pretensão de se filosofar a partir de intuições, por exemplo, nos aforismos 5 (p. 11-2) e 220 (p. 112-3) de ABM (2005) e no 301 (p. 180-1) de GC (2012). Quanto a moralidade não seria diferente, ele poderia estabelecer o seguinte raciocínio: “com o predomínio milenar da moral sobre nossa cultura, como poderíamos confiar nas nossas intuições para reformá-la ou nos libertar para outras formas de orientação ética?”²⁵

Se Nietzsche considera a moral em sentido estrito como um tipo social (como podemos ver em GM, quando ele busca mostrar a origem desse fenômeno cultural), se ele faz afirmações tais como as que mostrei acima em (a), (b), (c) e (d), então, assumo que ele defende algo semelhante a Putnam e Haslanger. Os especialistas, nesse caso os “filósofos do futuro”, devem se encarregar de determinar o significado das palavras ligadas à moral e à ética, bem como devem propor melhorias e novas palavras, se assim julgarem necessário. Os leigos, ainda que usem no dia a dia de maneira mais ou menos imprecisa os termos éticos, devem deferir seus significados aos especialistas. Nietzsche ao caracterizar esses filósofos como vindouros indica, ainda, que tal estado de coisas ainda não aconteceu, tratando-se mais de uma reivindicação para o lugar que os filósofos devem ocupar, do que uma constatação.

Algo presente tanto em Putnam, quanto em Haslanger é o fato desses especialistas estarem amparados por instituições. Embora em ABM 211 (2005, p. 105-6), não apareça nenhuma menção direta a alguma instituição, ele estabelece alguns critérios para que os filósofos do futuro assumam a posição a qual ele os incube. Esses critérios são os seguintes: (a) é necessário que tais filósofos sejam experientes: eles precisam ter passado por vivências “amplas”, por vezes “perturbadoras”, “destruidoras” e por variadas atividades humanas; (b) tais filósofos precisam, também, ter passado por vários sistemas de valores, (variadas éticas e também pela moral), “[...] para cruzar todo o âmbito dos valores e sentimentos de valor humanos e poder observá-lo com muitos olhos e consciências [...]” (ABM 211, 2005, p. 105-6); (c) eles precisam ter passado por várias etapas do ofício filosófico ser hora “historiador”, hora “cético”, “crítico”, “dogmático” etc. (Esse último critério dá alguma margem para pensar a presença de uma instituição na formação do filósofo).

Esses critérios são importantes para que os filósofos do futuro alcancem o que Nietzsche chama de “objetividade”²⁶, ou seja, “[...] a faculdade de ter seu pró e seu contra sob controle e deles poder dispor: de modo a saber utilizar em prol do conhecimento a diversidade de perspectivas

25 Não trato neste artigo, como já dito na introdução, das motivações que levaram Nietzsche a recusa da moral tal como ela estava posta em sua época.

26 Por questões de espaço, não desenvolverei em mais detalhes essa noção de objetividade. Vale observar que ela não garante consenso ou convergência entre os filósofos. Para tal, ver Clark (2015, p. 121-130).

e interpretações afetivas" (GM III 12, 2009, p. 100-1). Em outras palavras, a possibilidade de manter sob controle suas avaliações positivas e negativas vindas dos afetos, de utilizá-las, modificá-las, dispô-las para poder avaliar certo X de variadas maneiras. Pois, "[...] quanto mais afetos permitirmos falar sobre uma coisa, [...] tanto mais completo será nosso "conceito" dela, nossa objetividade" (GM III 12, 2009, p. 100-1).

Apresentei o convite de Nietzsche para a criação de valores, convite aos seletos filósofos do futuro, mostrei também como devemos compreender essa convocação e os critérios para tal, além do porquê desses critérios. Passo agora a considerar como esses filósofos podem criar valores.

4.2 - A CRIAÇÃO DE VALORES

Maudemarie Clark (2015, p. 113), levando em conta os aforismos 1 (p. 50-3), 2 (p. 53-4) e 301 (p. 180-1) de GC (2012) fala em dois aspectos na criação de valores nietzschiana: cognitivo e afetivo. Por um lado, o filósofo do futuro precisa tanto dar razões para se endossar e assumir certo valor, quanto induzir nas pessoas novas respostas afetivas condizentes ao valor criado (ou a reengenharia feita a um valor pré-existente). Ou, ao contrário, os filósofos precisam induzir as pessoas a certas respostas afetivas condizentes ao valor criado (ou melhorado) e fazer com que elas tenham razões para tais respostas.

Para exemplificar, vou supor que um filósofo X crie (ou melhore) o valor P. Ele terá que fornecer razões para a adoção desse valor, talvez ele diga: "P promove o bem-estar para o maior número de pessoas, pois..." ou "é intrinsecamente bom P, devido a tal e tal fato da constituição humana...". Para além disso, ele terá que falar em P de modo a produzir uma resposta afetiva, de modo a engajar seu interlocutor no uso do seu valor criado. Talvez, como Nietzsche, ele fale que "apenas os mais nobres e elevados seres humanos são capazes de P". Para produzir essa resposta afetiva, X pode se servir tanto da retórica, quanto da arte em geral (GC 299, 2012, p. 179-180), ou mesmo, como vimos, da genealogia. Tal como mostrei, com esse método filosófico, é possível aumentar e diminuir a confiança em determinada prática conceitual, bem como é possível aumentar ou diminuir o engajamento afetivo com tal.

É importante questionar se essa proposta de criação de valores possui plausibilidade psicológica, para isso precisaríamos tanto entrar na psicologia nietzschiana, quanto averiguar essas teses com nossas melhores teorias das emoções, verificando se elas podem sustentá-las ou não. Embora não trate dessa questão nesse artigo, deixo a possibilidade e a relevância dessa investigação para o futuro.

5. CONCLUSÃO

Parti de dois momentos da filosofia de Nietzsche, de seu momento crítico e de seu momento construtivo em relação à ética. Busquei compreender esses momentos aproximando o primeiro a engenharia reversa conceitual e o segundo a reengenharia conceitual e a engenharia de novo. Tratei de mostrar, também, a interdependência desses dois projetos, em especial na parte 3, na seção 2.4 e na seção 4.2.

Na parte 2, na seção 2.1, busquei descrever o que é a genealogia, ressaltando seus dois principais aspectos: (a) a narrativa ficcional e idealizada da origem de determinada prática conceitual e (b) o acompanhar da prática conceitual em questão, ao longo da história, atentando às mudanças, apropriações sofridas pela prática, além de buscar reconhecer a quais interesses esta serviu. Na seção 2.2 e 2.3 tratei dos dois compromissos fundamentais desse método filosófico, o pragmatismo e o naturalismo (respectivamente). Em 2.4 mostrei os objetivos da genealogia, sendo eles: (a) aumentar ou diminuir a confiança e (b) aumentar ou diminuir o engajamento afetivo. Isso tanto em relação aos agentes, quanto em relação a certa prática conceitual.

Na parte 4, na seção 4.1, mostrei algumas passagens nas quais Nietzsche convida os seletos filósofos do futuro a se engajarem na criação de valores. Nesta mesma seção, mostrei que essas passagens poderiam ser melhor compreendidas se aproximadas da hipótese da divisão do trabalho linguístico, vinda de Putnam e aplicada a tipos sociais por Haslanger e, mostrei também, quais critérios esses filósofos do futuro devem cumprir, além do porquê. Em 4.2, tratei de como seria essa criação de valores, como ela precisaria ocorrer, tendo ela dois principais aspectos: (a) um cognitivo, envolvido em dar razões e (b) outro afetivo, ligado à tarefa de criar respostas afetivas nas pessoas em conformidade com o valor criado ou melhorado.

Por fim, gostaria de sinalizar a incompletude da investigação aqui traçada. Por buscar a brevidade, passei rapidamente em vários tópicos e sinalizei investigações complementares que devem ser feitas para a consolidação do que foi aqui defendido. Trata-se de um pequeno voo sobre uma ampla planície, ainda a ser percorrida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABATH, A. *Para velhas perguntas, novas e melhores respostas: da engenharia conceitual ao aprimoramento erotético*. Preprint, 2021. Disponível: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/3257/5862>. Acesso: 31 jan 23.

BURNHAM, D. *Reading Nietzsche: An analysis of Beyond Good and Evil*. Stocksfield: Acumen, 2007.

CAPPELEN, H.; PLUNKETT, D. Introduction: A guided tour of Conceptual Engineering and Conceptual Ethics. In: PLUNKETT, D.; CAPPELEN, H.; BURGESS, A. (Eds.). *Conceptual Engineering and Conceptual Ethics*. Oxford: Oxford University Press, 2020.

CHALMERS, D. *What is conceptual engineering and what should it be?* In: *Inquiry*, 2020. Disponível em: <https://philpapers.org/rec/CHAWIC-3>. Acesso em: 01/06/2022.

CLARK, M. *Nietzsche on ethics and politics*. Oxford: Oxford university press, 2015.

ELGAT, G. *Nietzsche's overcoming Schopenhauer's pessimism*. 2012. Tese de Doutorado em Filosofia, Universidade Northwestern, Evanston, Illinois, 2012.

HACKING, I. *The social construction of what?*. Cambridge, Massachusetts e Londres: Harvard University Press, 1999.

HASLANGER, S. Gender and race: (What) are they? (What) do we want them to be? In: *Resisting reality: Social construction and social critique*. New York: Oxford University Press, 2012.

HASLANGER, S. What good are our intuitions?. In: *Resisting reality: Social construction and social critique*. New York: Oxford University Press, 2012.

HASLANGER, S. *Tracing the sociopolitical reality of race. What is race? Four philosophical views*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

JANAWAY, C. *Beyond selflessness: reading Nietzsche's genealogy*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

LEITER, B. *Nietzsche: On Morality*. Londres/Nova York: Routledge, 2002.

LOPES, R. *Elementos de retórica em Nietzsche*. São Paulo: Loyola, 2006.

NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal: Prelúdio a uma filosofia do futuro*. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Anticristo: maldição ao cristianismo: ditirambo de Dionísio*. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

_____. *Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

_____. *Aurora: reflexões sobre preceitos morais*. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

- _____. *Crepúsculo dos ídolos: ou como se filosofa com o martelo*. Tradução de Jorge Luiz Viesenteiner. Petrópolis: Vozes, 2014.
- _____. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- _____. *Gaia ciência*. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- _____. *Genealogia da moral: Uma polêmica*. Tradução de Paulo César Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- MEYER, M. The Dialectics of Nietzsche's Metaphilosophies. In: MEYER, M.; LOEB, P. (Eds.). *Nietzsche's metaphilosophy: the nature, method, and aims of philosophy*. Cambridge: Cambridge University Press, 2019.
- OWEN, D. *Nietzsche's Genealogy of Morality*. Stocksfield: Acumen, 2007.
- _____. Nietzsche's antichristian ethics: Renaissance Virtù and the project of reevaluation. In: CONWAY, D. (Ed.). *Nietzsche and The Antichrist: Religion, Politics, and Culture in Late Modernity*. Londres: Bloomsbury, 2019.
- PUTNAM, H. O significado de “significado”. In: *Cognitio-Estudos*, Vol 10, No 2, julho-dezembro, p. 280-326, 2013.
- QUELOZ, M. *The practical origins of ideas: Genealogy as conceptual reverse-engineering*. Oxford: Oxford University Press, 2021.
- _____. Nietzsche's conceptual ethics. *Inquiry*, p. 1–30, 3 jan. 2023.
- _____. Choosing values? Williams contra Nietzsche. *The Philosophical Quarterly*, Vol. 71, n. 2, p. 286-307, 02 abril 2021.
- REGINSTER, B. Nietzsche on Ressentiment and Valuation. In: *Philosophy and Phenomenological Research*, Vol. 57, No. 2, p. 281-305, Jun 1997. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2953719?origin=JSTOR-pdf>. Acesso em: 19 maio 2022.
- _____. The affirmation of life: Nietzsche on overcoming nihilism. Harvard: Harvard University Press, 2006.
- SCHARP, K. Philosophy as the Study of Defective Concepts. In: PLUNKETT, D.; CAPPELEN, H.; BURGESS, A. (Eds.). *Conceptual Engineering and Conceptual Ethics*. Oxford: Oxford University Press, 2020.
- SOMMER, A. Criatividade e ceticismo em Nietzsche. In: *Cadernos Nietzsche*, São Paulo, Vol I, n. 34, p. 11-31, 2014. Traduzido por: André Luís Mota Itaparica. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cniet/a/Qd9VdCNWPMhHyyjwbBZ7vYb/?lang=pt>. Acesso em: 19 maio 2022.
- WILLIAMS, B. *Make sense of humanity: and others philosophical papers*. Cambridge: Cambridge university press, 1995.

_____. *Truth and truthfulness: an essay in genealogy*. Princeton: Princeton University Press, 2002.